

Como é que a música surge na tua vida?

Surge na infância pela influência do meu pai e através de um sistema lo-fi que ainda tenho e uso.

A influência erudita veio do meu avô materno que me educou o ouvido para outras sonoridades menos populares.

Qual o percurso que fizeste dentro da música?

Depois de alguns brinquedos musicais - ou pouco musicais, dependendo da perspectiva - decidi que queria tocar piano, uma coisa a sério.

A irreverência em palco do Elton John nos anos 70 e o acesso a aulas de piano na escola onde andava ditaram a escolha.

Comecei aos 6 e parei aos 12 devido a uma mudança de país.

Durante a adolescência comprei muita música, ouvi muito rádios piratas, e aos 17 apostei no baixo eléctrico.

Tive as bandas da praxe (punk, hard-core) e aos 20 passei para a guitarra eléctrica com Gangrena.

Depois do fim da banda ainda toquei numa banda de versões, fiz umas experiências electro-acústicas com o João Santos (com quem venho tocando desde os 90's) e meti-me na electrónica pela primeira vez.

Primeiro com uma caixa de ritmos (que ainda tenho) e depois com o software Fast Tracker.

Uns anos mais tarde o Direito deu para o torto e fui para Londres estudar som.

Voltei, montei a minha empresa de som... mas as coisas não correram de feição. Então fui trabalhar para um casino, primeiro como operador de cabine polivalente e depois como técnico de som.

Quando me fartei do ambiente de trabalho achei que estava na altura de dar o salto.

Foi mais ou menos aí que começou a minha colaboração com o Hugo Olim; uns vídeos aqui, umas actuações ali, e o projecto Pygar começou a ganhar forma.

Para além disso, houve uma incursão na música improvisada através da associação Granular, as experimentações com Boiar, os delírios com a F.R.I.C.S. (Fanfarra Recreativa Improvisada Colher de Sopa) e o projecto mais pessoal ocp.

Que tipo de música define os teus gostos pessoais e quais as tuas inspirações ou influências?

Gosto de tudo o que me faça sonhar, que me liberte. O que me inspira são os sons camuflados (quase impossíveis), as interferências e/ou condicionantes, as ferramentas, os padrões invulgares...

Como é que o teu trabalho pode ser definido a nível conceptual?

Não é, não quero. Não gosto de dogmas. Quem quiser fechá-lo numa gaveta ou num frasco rotulado que tente!

Tendo em conta o teu percurso, actualmente como fazes a tua música?

Comecei com os ouvidos, passei pela disciplina do piano, pela irreverência do baixo e guitarra e agora uso tudo o que me aparecer pela frente. Como diz um amigo meu, "toco tudo e não toco nada".

É claro que o computador e o software são a ferramenta sem a qual nada aconteceria. É nesse plano que se dão todas as transformações.
Os sons vão-se acumulando, maturando e depois... acontece.

Como é que preparas os teus concertos? Tens um alinhamento definido ou tocas por improvisado?

Depende muito do concerto e do que me proponho apresentar. Pode ir do total improvisado ao mais estruturado.

Sentes que o público é mais ou menos reactivo à computer music?

Sinto que essa é uma falsa questão. Só faz sentido para quem gosta de "circo" e se está nas tintas para a música.
Dito isto, há sempre quem reaja de uma ou outra maneira, há até quem fique indiferente quando tudo à sua volta rui!

Tens um projecto em conjunto com o Hugo Olim – Pygar – no qual existe uma fusão entre a tua música e as imagens do Hugo. Vês o vídeo como uma forma de aproximação da computer music com o público em geral?

Prefiro ver o vídeo como a outra face da mesma moeda; som e imagem como um todo e não como complemento um do outro. É certo e sabido que o nosso sentido preponderante é a visão (até para um míope como eu).
Facilmente nos agarramos ao que vemos sem perceber que o que se ouve nos transporta. Experimente-se ver um filme clássico sem som (e sem legendas, já agora)!

Estás envolvido em mais algum projecto deste género?

Tenho andado a fazer as minhas experiências - como sempre fiz - para melhor perceber a tal outra face!
Resume-se a alguns vídeos, não me meto na manipulação ao vivo, não há tempo para tudo.

Tens quase 50 trabalhos editados. De todos qual aquele com que te identificas mais?

Eu diria que é sempre o último por estar mais fresco. Começo é a não saber distinguir ou situar determinados trabalhos. É um pouco como o cantautor que se esquece das letras das canções!

Já participaste em diversos festivais tais como o MadeiraDIG, os EME, ou o Störung. Qual o que gostaste mais e se essa participação se traduziu em maior projecção para a tua carreira?

Cada festival tem a sua particularidade; gosta-se de um por isto, do outro por aquilo... A resposta à pergunta anterior quase que serve para responder à primeira parte desta!
No que toca a projecção, eu prefiro falar em evolução. A projecção só acontece se houver trabalho nesse sentido. Já a evolução acontece sempre que aceitamos novos desafios e aprendemos algo com eles.
Nesse sentido tenho evoluído bastante com todos os festivais, concertos, projectos e pessoas que se têm cruzado comigo.

Interessas-te por inúmeras coisas em torno da electrónica, do vídeo e da informática. Podes dizer-nos o que tens andado a fazer a par da música?

Neste momento estou a dedicar-me ao "streaming" ou rádio "online" com um grupo de amigos e gente de todo o mundo. É um formato a despontar com muito potencial. Para além das simples emissões em directo também fazemos "jams".

O único senão é a latência (atraso) que está longe de ser aceitável. O que resulta é um cadáver esquisito.

Neste momento estás a trabalhar em algum projecto novo?

Acabei de criar uma netlabel: a EdP - Editora do Porto.

Espero aprender muito com ela e com todos que a ela se juntarem.

Para além de música, espero editar vídeos, textos, fotografia, software, no fundo, tudo o que puder ser digitalizado.

Ainda estamos a dar os primeiros passos mas em devido tempo todas estas coisas acontecerão.

Como gosto de dizer, é tudo uma questão de frequência.

OCP – Operador de Cabine Polivalente. Porquê?

Depois do que já foi dito... dá para perceber!

por Inês Duque Dias

31 maio 2009